

IMAGENS CULTURAIS DOS JOVENS SUECOS ACERCA DO INÍCIO DA VIDA ADULTA

Clarissa Kugelberg

Resumo Tendo por base entrevistas de grupo focalizadas, realizadas a jovens suecos com idades compreendidas entre 18 e 30 anos, o presente artigo procura analisar as diferentes imagens culturais destes jovens acerca do “início da vida adulta”, em relação com o modo como eles perspectivam as suas vidas futuras, no plano profissional, familiar e pessoal.

Palavras-chave juventude; trabalho; família; imagens culturais.

Este artigo analisa a relação entre as concepções culturais de jovens suecos acerca do “início da vida adulta” e o modo como eles perspectivam e discutem diferentes estratégias para as suas vidas no futuro. O texto baseia-se em entrevistas de grupo focalizadas, realizadas a jovens de ambos os sexos entre 18 e 30 anos, residentes em Gävle, que é uma cidade sueca de dimensão média. Estas entrevistas foram levadas a cabo com grupos de dois a cinco jovens dos *ensinos secundário e superior*, estudantes de tecnologia e de enfermagem, que tinham empregos temporários e permanentes nestas áreas, e também com desempregados. As entrevistas tiveram a duração de duas horas e foram gravadas e transcritas.

O conceito de “início da vida adulta” é utilizado de modo a fazer a distinção entre o período de vida dos jovens de 18 a 30 anos e o dos jovens até aos 18 anos. O conceito de “juventude” é frequentemente usado para ambos os grupos como o período entre a infância e a idade adulta e corresponde, com efeito, a uma designação arbitrária cujo significado está relacionado com o contexto social e cultural. Há grandes variações culturais no significado do termo *juventude* e este tem mudado ao longo dos tempos. A construção cultural do conceito está relacionada com a maturidade biológica e a idade, mas com amplas variações. Van Gennap afirma que a puberdade fisiológica e a “puberdade social” são essencialmente diferentes e só raramente convergem (1960). Na sociedade sueca, deixar a escola, arranjar um emprego, viver junto com outra pessoa e ter filhos são consideradas como as principais fases de transição para a vida adulta (Waara, 1996; Arnell, 1988). No entanto, a idade em que estas transições se verificam e a forma como se sucedem tem variado. Os trajectos de vida têm, pois, mudado. Para as gerações anteriores, um emprego constituía frequentemente o primeiro passo para a vida adulta e o noivado, o casamento e a coabitação estavam intimamente relacionados e eram etapas que surgiam antes de se ter filhos. Nas gerações mais velhas, a maioria dos jovens adquiria a independência económica previamente à maioridade, a qual, na Suécia, acontecia aos 21 anos. Hoje em dia, os rapazes e raparigas atingem-na aos 18 anos, altura em que a maioria ainda se encontra

economicamente dependente dos pais ou do Estado. A coabitação acontece frequentemente antes de se ter um emprego e é um fenómeno independente do casamento e da procriação. Hoje em dia, não existe um caminho linear para atingir a vida adulta, e até aos 30 anos a situação de muitos jovens é ainda caracterizada por um estado de transição. Todavia, para reforçar a ideia de que a situação dos jovens de 18 aos 30 anos não é equivalente à da categoria etária mais jovem, os primeiros serão aqui referidos como jovens adultos.

Houve três grandes mudanças sociais que influenciaram a vida dos jovens tanto na Suécia como no resto da Europa. Em primeiro lugar, a educação tem vindo a ser continuamente prolongada ao longo deste século. A escolaridade básica obrigatória é hoje de 9 anos na Suécia e aproximadamente 90% dos jovens prossegue com mais três anos de ensino secundário. Em 1994, 98% dos estudantes que concluíram a escolaridade obrigatória foram para a escola secundária. Um número cada vez maior de jovens segue para a universidade ou para outro tipo de educação de nível superior, o que significa que a entrada no mercado de trabalho com carácter permanente tem vindo a ser adiada. Contudo, a ida para o ensino superior está muito relacionada com a classe social. Dos jovens nascidos em 1974, 59% daqueles cujos pais possuíam um curso superior estavam também no ensino superior com a idade de 21 anos, enquanto para aqueles cujos progenitores tinham só a escolaridade básica, a percentagem era de apenas 13% (Välfärdsbulletinen, 1997: 2).

Em segundo lugar, a crescente redução do número de empregos permanentes, o elevado nível de desemprego e um mercado de trabalho precário têm diminuído as oportunidades de os jovens entrarem na vida profissional. O desemprego é um problema novo na Suécia: em 1990, a sua taxa era de 3,2% e em 1993 tinha aumentado para 12,1%. O desemprego é elevado sobretudo entre os jovens, embora varie consoante a região. No Norte da Suécia, 20% estavam desempregados em 1993, ao passo que em Estocolmo apenas 11% se encontravam nessa situação. Esta taxa é mais elevada entre os jovens com baixo nível de escolaridade do que entre aqueles com curso superior, e mais elevada entre os oriundos de famílias operárias ou da classe média-baixa do que entre os provenientes da classe média-alta. A taxa de desemprego é também mais alta entre as mulheres do que entre os homens (SCB, 1990: 17). O número de postos de trabalho permanentes diminuiu 640.000 de 1990 a 1994 e, ao mesmo tempo, o número de empregos de carácter temporário aumentou em 60. Em 1997, 510.000 pessoas tinham empregos temporários, que são mais comuns entre jovens operárias. Em 1998, 50% destas, com idade inferior a 25 anos, e 25% das jovens dos 25 aos 29 anos têm um emprego temporário, enquanto há 23% de jovens operários com menos de 25 anos e 14% com 25 a 29 anos a trabalharem nessa situação (LO, 1998). O emprego temporário é cada vez mais trabalho em tempo parcial (SOU, 1996: 56).

Face a esta situação, muitos jovens passam um período bastante longo a dependerem dos pais ou de subsídios públicos para ganhar o seu sustento. Estes jovens assistem à rápida transformação de uma sociedade com emprego para todos numa outra com elevada taxa de desemprego e um mercado de trabalho precário. Os jovens abrangidos por este estudo viveram uma infância desafogada e a maioria teve pais com empregos permanentes e com boas oportunidades para

possuírem um padrão de vida elevado. No entanto, têm também, durante grande parte da sua juventude, vivido numa sociedade com elevado nível de desemprego.

Em terceiro lugar, verifica-se a ausência de um percurso claro para a vida adulta e a necessidade de reflectir sobre a grande quantidade de oportunidades que a sociedade moderna oferece. Thomas Ziehe conclui que “a tradição já nada diz” aos jovens (1994), que já não podem seguir o caminho do pai ou da mãe, do avô ou da avó. As oportunidades para ter uma educação, um emprego e uma família são, como já dissemos, diferentes para os jovens de hoje. Aliado a isto, está a grande quantidade de conhecimento e informação que eles encontram diariamente, em todos os meios de comunicação social. Actualmente os jovens adquirem experiência indirecta sobre uma grande variedade de estilos de vida, valores, ideias, oportunidades e saberes com os quais não podem evitar confrontar-se, tendo de reflectir e tomar posição sobre eles. Ziehe escreve: “Defrontar-se com tal ‘oportunidade’ cultural conduz a um alargamento das possibilidades de vida, mas também implica a complexa obrigatoriedade de tomar decisões. A origem social, familiar e geográfica já não dá ao indivíduo a mesma estruturação e ‘ajuda’ selectiva de outrora, e o passado da família já não é um guia seguro para o futuro do próprio. O indivíduo deve saber lidar com os conflitos gerados pelas tomadas de decisão, com a escolha de estilo de vida, juntamente com a ambivalência e desilusões que possam surgir (1986: 349).” Isto faz parte do processo de individualização que coloca no indivíduo, cada vez mais, a responsabilidade pela sua própria vida. A vasta panóplia de conhecimento e informação cria potencialidades para encontrar novos rumos de vida, mas, ao mesmo tempo, obriga-o a decidir por si próprio. A vida torna-se num projecto planeado (Giddens, 1991; Beck Gerstein, 1996; Ziehe, 1986).

Há diferentes significados do conceito de juventude que são apresentados no âmbito da investigação, da comunicação social e dos debates políticos. Estes podem ser vistos como criações culturais que fazem parte de um contexto no qual os jovens desenvolvem, investigam e transformam o seu sentido de identidade. “Os olhos” destas construções culturais decorrentes do debate público confrontam os jovens com a procura da sua identidade. Neste artigo, discutir-se-á o modo como eles reagem a tais imagens públicas e como conceptualizam por si próprios o início da vida adulta, a partir da comparação das perspectivas avançadas pelos jovens entrevistados.

Diz-se hoje em dia que os jovens defendem valores pós-materialistas, significando isso que, mais do que ao bem-estar material, dão prioridade à qualidade e ao sentido da vida, ao desejo de desenvolvimento pessoal e à aquisição de amplas experiências, pondo à prova as suas potencialidades e interesses. São caracterizados por uma elevada *mobilidade entre empregos e/ou cursos de carácter temporário* (Arnell, 1988; Hagström, Berg e Westerberg, 1992; SCB, 1990: 100). Uma licenciada de 28 anos, trabalhando na área dos recursos humanos, dá esta imagem da sua geração:

Verifico que aqueles que são um pouco mais novos que eu preferem tomar conta das suas vidas, ter flexibilidade e poder sobre o modo como as hão-de viver e sobre o que

hãode ser. Esta necessidade é real, porque nós crescemos numa altura em que tudo era garantido. Ter comida na mesa não era problema, salvo raras excepções, claro, mas para a maioria das pessoas. Mesmo não tendo tido tudo o que queríamos, não era por não se ter possibilidade, uma pessoa pensava que um dia poderia sempre vir a poupar o suficiente para adquirir isso. Havia sempre a possibilidade, nós somos da geração do *interrail*, que viajou e teve a liberdade que nos fez querer ser livres. Passámos por esta agradável experiência e não queremos mudar. Quando se está aborrecido, continua-se, luta-se para mudar a situação, podem correr-se riscos porque já se conseguiu antes. E acho que as nossas exigências em relação às empresas, no sentido de conseguir flexibilidade e poder de decisão individual, existem intrinsecamente, quando se tem um emprego fixo exige-se oportunidade para evoluir, ou então escolhe-se fazer projectos — tem-se um projecto, trabalha-se muito durante duas semanas e depois faz-se outra coisa.

Esta imagem está de acordo com as exigências do mercado de trabalho, do qual os empregos temporários, os contratos a prazo e os projectos de emprego são uma parte cada vez maior. É pertinente perguntar se a mobilidade dos jovens no mercado de trabalho é uma consequência da situação precária ou das suas próprias opções e atitudes, e o modo como discutem as suas estratégias revela como lidam com esta complexa situação.

São várias as imagens da vida do jovem adulto que surgem nestas entrevistas. Na sua maioria, prevalece a imagem de transição, conceptualizada através de um contraste entre o período em que agora se encontram e uma fase de vida futura, quando esperam assentar e, possivelmente, constituir uma família. Muitos dizem algo como:

Primeiro tenho de ter a minha vida, viver a minha vida, uma boa vida.

Parece ser de consenso geral que uma pessoa precisa de muitos anos antes de ter filhos; necessita de se divertir e ser livre, de estar com amigos, de evoluir, de descobrir que tipo de educação e emprego quer, precisa de ganhar experiência e competência, período que parece seguir o trajecto de vida pretendido. Na maioria dos grupos, surge outra imagem da vida adulta do jovem como sendo um período de preparação, que implica antevisão do futuro, escolha dos estudos que levarão a um emprego, obtenção de boas notas na escola e de bons resultados nos cursos de formação profissional, de modo a ter oportunidades de emprego. Esta perspectiva está relacionada com a noção de uma competição crescente na sociedade e com um mercado de trabalho precário, parecendo haver dois caminhos para lidar com esta imagem dominante do início da vida adulta. O primeiro é o indivíduo ajustar-se a ela empenhando-se em “viver a vida”, adquirir estudos, desenvolvimento pessoal e liberdade; o segundo envolve frustração e relutância face a essa visão dominante.

A perspectiva mais comum consiste em valorizar a ideia de ter liberdade para viver a vida, com possibilidade de viajar e passar por outro tipo de experiências. Algumas estudantes de enfermagem, entre os 21 e os 23 anos, sustentam esta opinião:

É melhor agora, quando somos muito novas e estamos a estudar, sermos livres, podermos ir para onde quisermos, vivermos com amigos e sairmos juntos. Por vezes, penso que raio ter namorado, podia ter saído daqui. Muitos pensam, podíamos ir todos para a Noruega. Isso seria bom, mas teria de deixar o meu namorado, e seria pelo menos durante meio ano, o que é muito tempo.

No entanto, em várias discussões, a vida livre que se deseja contrasta com a necessidade de ter uma base económica de modo a ser-se independente. Os jovens estudantes do ensino secundário, na área de tecnologia, com 19 anos, salientam que as suas ambições de viajar e de levar uma vida própria dependem de se ter ou não dinheiro. As dificuldades de adquirir uma base material para viver a vida desejada é a realidade dos jovens:

[A] Não se diz não, obrigado a uma viagem à volta do mundo.

[B] Mas vai tudo bater na mesma tecla — dinheiro. Sem dinheiro não há divertimento, mas com dinheiro já te podes divertir.

[E] Querem um emprego fixo? Ou um emprego que vos permita viajar e depois voltar para procurar um novo emprego?

[A] Se isso fosse possível, não recusaria, se eu soubesse que a qualquer momento poderia sempre encontrar um novo emprego, se decidisse ausentar-me durante meio ano para me divertir. E depois voltar e procurar um emprego novo. Isso seria bom, mas já se sabe, hoje em dia isso é praticamente impossível. É sempre bom ter um emprego fixo nos dias que correm.

A visão dominante da vida livre dos jovens adultos contrasta com a situação precária do mercado de trabalho. O colega de trabalho que teve a oportunidade de conjugar um emprego fixo com períodos de viagem simboliza o modo de vida desejado para os jovens do sexo masculino. No entanto, este modo de vida parece-lhes impossível de atingir, pois entra em conflito com a falta de oportunidades para ganhar o sustento. Na presente situação, um emprego permanente vem em primeiro lugar para a maioria dos jovens, é considerado como sendo a base para fazer todas as outras coisas que se deseja, viajar, sair, fazer amigos, ter um apartamento próprio, etc., na medida em que é condição prévia para uma vida economicamente independente. Todavia, para os estudantes do ensino secundário, assentar na vida corresponde a um futuro distante.

Predominou nas entrevistas a ideia de que há uma vida para viver antes de assentar, mas a situação real obriga os jovens a assumirem compromissos e a adaptarem-se à situação do mercado de trabalho, pelo que a situação material é referida como sendo a base essencial para a vida que se pretende. Contudo, ter filhos simboliza uma vida já estabelecida, que muitos querem adiar, uma vez que as obrigações familiares são vistas como um obstáculo para “viver a vida”. De qualquer modo, muitos falam de outras pessoas que tiveram filhos cedo e algumas mulheres dizem também querer constituir família cedo, falando das pressões que sentem para seguir o trajecto de vida dominante:

[A] Ter filhos tarde é um símbolo de *status*. Uma pessoa deve primeiro pensar em si, tratar dos seus estudos. Viver a vida antes de ter filhos, isso é ter um *status* elevado. Ter um filho antes dos 25 anos é uma estupidez.

[B] Eu quero ter filhos antes dos 25 anos.

[C] Eu também não me importava, mas és considerada estúpida, porque dás cabo da tua vida. Uma pessoa deve esperar pelos 30 anos para ter filhos e isso, sim, é um símbolo de *status* elevado.

[Estudantes do ensino secundário da área de enfermagem, com 18 anos]

A visão dominante do início da vida adulta está bastante generalizada e todos os jovens se confrontam com ela através da comunicação social e dos amigos. Os que querem seguir outro tipo de vida exprimem um sentimento de frustração, uma vez que os seus ideais e pontos de vista não são considerados normais e sensatos, pelo contrário, são confrontados com a opinião de que as suas atitudes são estúpidas.

O início da vida adulta como um período de preparação

A visão da vida do jovem adulto como um tempo de preparação para a vida futura é revelada nas discussões sobre os *estudos*, os quais se encontram intimamente ligados às oportunidades de obtenção de um emprego. Conseguir uma educação de nível superior é considerado obrigatório, o que é sentido como uma pressão por aqueles que preferem ter um emprego mais cedo, uma fonte de rendimento ou que estão cansados da escola. As estudantes do ensino secundário da área de enfermagem, com 18 anos dizem:

[A] Penso que primeiro podemos trabalhar um ou dois anos e depois voltar novamente a estudar, mas penso que é muito difícil dar esse passo. Acho que não continuarei a estudar. Ficarei num emprego aborrecido o resto da minha vida. Contudo, muito provavelmente, ficarei bem nesse emprego aborrecido, mesmo se resmungar muito e lamentar o facto quando ainda aí estiver passados 40 anos. Eu deveria ter continuado os estudos.

[B] Todas as pessoas que trabalham dizem para não começarmos a trabalhar.

[A] Continuem a estudar, vão para a universidade, dizem todos.

Os rapazes do mesmo nível de ensino, com 18 e 19 anos, exprimem idêntica relutância em tirar um curso superior.

[A] Do modo como me sinto agora, não tenho coragem de ir para o ensino superior. Isso nunca, andar a mudar de uma escola para outra. Fartámo-nos de fazer isso durante muito tempo.

[B] Ser livre, pelo menos durante um ano.

[C] Estudar durante metade da vida, não, não parece que me apeteça.

A pressão para irem para a universidade vem da parte dos professores, dos amigos

e da comunicação social e quando se dirigem aos centros de emprego, as ofertas de trabalho requerem cursos superiores. A pressão para seguir o ensino superior para se obter um emprego no futuro contrasta, para uma parte dos jovens, com o desejo que manifestam de ganhar dinheiro e ser independentes dos pais e do Estado. Para eles, a escola é vista como entrave a uma vida independente, com apartamento próprio e tempo para fazerem o que lhes apetece.

A educação como meio de alcançar um bom emprego é destacada como a principal razão para tirar uma licenciatura. Alguns jovens estudantes universitários de tecnologia de computadores, oriundos de famílias operárias, dizem:

[A] Mesmo quando se está a estudar, pensa-se sempre no futuro, no emprego que se quer ter.

[B] Ter um emprego melhor ou...

[A] Sim, exactamente, ninguém que estuda vai ficar em casa.

[B] Estuda-se para se ter um emprego, pois é.

[A] Exactamente.

[E] Não estudam porque querem adquirir conhecimentos e por curiosidade?

[A] Bem, sim, também. Nos nossos dias, mudou, dantes escolhia-se a área de estudos que mais se gostava, hoje em dia não é tanto assim. Pensa-se no futuro. Há ou não bons empregos compatíveis com estes estudos?

[B] Como o clima social se tornou mais *competitivo*, as pessoas sentem-se mais inclinadas a prosseguir os estudos de nível superior. Mais pessoas do que nunca se candidatam agora à universidade ou à educação para adultos. Não sei, mas, no futuro, toda a gente terá um curso superior e então nessa altura não será suficiente ter um diploma universitário para se conseguir um emprego. Então haverá demasiadas pessoas com diplomas. Dantes bastava ter uma licenciatura para arranjar emprego, agora torna-se mais difícil, pois é também preciso ser competente.

A necessidade de tirar um curso superior está relacionada com uma elaborada discussão sobre a crescente competição na sociedade. Os jovens entrevistados possuem uma ideia generalizada da existência de um cada vez menor número de empregos permanentes e de uma crescente competição, havendo também a crença partilhada da necessidade de se ser responsável pela própria vida e uma obrigatoriedade de trabalhar arduamente no sentido de obter um emprego.

Os jovens entrevistados apresentam diferenças em função das idades. Os estudantes do ensino secundário e os que têm empregos temporários salientam que os amigos e os interesses pessoais, juntamente com a escola, ocupam muito do seu tempo e pensamento. Há duas maneiras diferentes de ver o ensino universitário, sendo a primeira uma opinião mais negativa, relacionada com uma ânsia de ter uma vida independente e um rendimento regular, e com um sentimento de fadiga em relação à escola. Faz parte desta visão a dificuldade em saber que tipo de emprego se pretende e que estudos lhe correspondem. Tal visão é mais comum entre os estudantes do ensino secundário, os que têm empregos temporários e os desempregados também com este nível de educação. A segunda perspectiva é expressa por muitos que manifestam vontade de se candidatar ao ensino superior,

reconhecendo a sua importância na vida futura. As pessoas com habilitações de nível superior e os licenciados com empregos permanentes sublinham a importância de adquirir novas competências e obter diplomas.

Ter filhos significa, para muitos, um entrave à aquisição dos conhecimentos e competências necessários para gerir uma vida futura. Alguns com filhos pequenos expressam o desejo de poder começar a estudar quando os filhos forem mais velhos e logo que tenham uma melhor situação financeira e mais tempo para si.

O futuro é da responsabilidade do indivíduo

Em todas as entrevistas é expressa e enfatizada a ideia de que os indivíduos são responsáveis pelo seu trajecto de vida. Não têm confiança no mercado de trabalho, nem nos sindicatos, nem nos centros de emprego, contam apenas com os seus próprios esforços, ambições, actividades e lutas. Em todas as entrevistas de grupo é expressa, de modo bastante evidente, a noção de cada um ser o responsável por arranjar o seu próprio emprego e igualmente um conhecimento, com base em experiência própria, da dificuldade em conseguir colocação no mercado de trabalho.

Ser activo e confiar em si próprio é o que todos consideram o meio mais importante para se obter um emprego, juntamente com o recurso a contactos e à tentativa de “pôr o pé” numa empresa para aí se mostrar vontade de trabalhar e competência — uma visão realista, ao que parece (Arnell, 1988). Investigações revelam que uma grande proporção de empregos é obtida através de conhecimentos (SCB, 1990).

Os jovens de ambos os sexos expressam a consciência de um mercado de trabalho em mudança, no qual o indivíduo tem, cada vez mais, de contar consigo próprio:

[A] Sim, acredito que as pessoas têm cada vez mais de criar os seus próprios empregos, que cada um se tenha *de vender* cada vez mais. Obter empregos por projecto tornar-se-á comum, muito mais comum do que entrar numa grande empresa e ficar lá durante 40 anos. Uma pessoa terá de mudar de emprego mais vezes e de *se vender* muito mais. Mesmo quando for difícil fazer isto, e percebo que esta ideia pode assustar muita gente. Vai ser muito difícil, para muitas pessoas, venderem-se a si próprias. Nem todas as pessoas são do tipo de se venderem.

[Desempregada de 23 anos]

Os jovens dizem que, para conseguir arranjar um trabalho, uma pessoa precisa de conhecimentos, precisa de mostrar as suas potencialidades, continuar a pedir, ser teimoso, fazer um bom trabalho quando se tem um emprego de Verão ou um lugar como formando, causar uma boa impressão, ser persistente e continuar a telefonar. Ter estado desempregado durante um determinado período de tempo cria um sentimento de insegurança que vários acham incompatível com as exigências de se ser activo e persistente. Outros explicam como acham difícil falar de si próprios

e exibirem-se.

As estratégias dos jovens adultos para obterem um emprego são individualistas na medida em que não se apoiam nos centros de emprego nem nos sindicatos, mas apenas nos seus próprios esforços e contactos, o que implica antever o futuro e ser activo.

Ser activo e planear o futuro é também a forma como os jovens abordam a questão de constituir família. A maioria deles, de ambos os sexos, perspectiva um futuro com família e filhos e alguns exprimem o desejo de ter uma família, mas simultaneamente apontam o facto de o desemprego e os cortes no sistema de segurança social tornarem difícil a concretização desse desejo. Outros relacionam ainda as oportunidades de ter filhos com a sua visão da sociedade.

Uma relação estável é encarada como básica para se ter filhos, do mesmo modo que viver junto com outra pessoa durante um determinado período de tempo é visto como necessário para se conhecerem um ao outro antes de serem pais. Isto possibilita descobrir se a relação funcionará e permite desenvolver um relacionamento seguro, pelo que todos consideram este aspecto uma condição necessária para se ter filhos.

[A] Deve-se experimentar viver juntos antes de um compromisso e do casamento e, sobretudo, antes de ter filhos.

[E] Porquê?

[A] Para o conhecimento mutuo — para saber se se quer viver com aquela pessoa. Isso é difícil se não se partilhar a vida diária, penso eu. Deste modo, aprende-se a conhecer a outra pessoa e vê-se se há entendimento. É importante saber isto antes de ter filhos. Por isso, penso que é estranho como era dantes, mas também era uma vergonha se as pessoas não fossem casadas. Não é importante para mim ser casada antes de ter filhos, não penso assim. Não preciso de estar comprometida quando tiver filhos. Mas tenho de ter a certeza, toda a certeza que puder, se quero ter filhos com aquele homem... E se eu quiser viver com ele e acreditar que nos podemos manter juntos... então, ser casada ou não, não interessa.

[Estudante universitária em tecnologia de computadores]

Os discursos sobre coabitação e procriação estão relacionados com a elevada taxa de divórcios na sociedade sueca. Muitos dos jovens conhecem amigos com pais divorciados e alguns têm mesmo pais divorciados. Para eles, o divórcio é uma situação de insegurança que não querem para os seus filhos. Segundo eles, muitas pessoas não se esforçam o suficiente para evitar esta situação e crêem que o facto de o casal se conhecer bem antes de ter filhos pode prevenir um futuro divórcio.

[A] Eu penso que muitos casam demasiado cedo, entre os 20 e os 23 anos, e depois vemos que, passados três ou quatro anos, se divorciam. É preciso dar tempo ao tempo e esperar. Mas acho que não casarei antes dos 30 ou dos 28 anos. Se se conhecer um homem com o qual se saiba que se vai viver toda a vida. Não se pode saber isso aos 20 e ter estado com ele durante três anos, penso que é impossível.

[E] Passa-se o mesmo em relação aos filhos?

- [A] Sim, uma pessoa não quer que a criança cresça com pais divorciados. Pelo menos, para mim, não quero essa situação. Eles hão-de crescer em segurança.
[Estudante universitária de enfermagem].

Diferenças nas perspectivas de futuro

Os jovens visionam diferentes imagens da sua vida futura, mas todos se confrontam com o mercado de trabalho precário e discutem o impacto que terá nas suas vidas. Contudo, há grandes variações entre os vários grupos, em função das idades e das diferentes modalidades de relação com o mercado de trabalho. Entre os estudantes do ensino secundário, os empregados temporários e os desempregados existem visões mais pessimistas quanto às oportunidades futuras. O mercado de trabalho precário bloqueia as oportunidades de passar por experiências diversificadas e para viver uma vida livre e independente.

Os estudantes universitários e os trabalhadores com emprego permanente expressam uma atitude confiante em relação às suas oportunidades de passar um bom período de transição e, finalmente, assentar. Primeiro, um período de liberdade pleno de actividades, partilhado com os amigos, e então depois assentar na vida. Pedir empréstimos de modo a conseguir uma educação de nível superior é uma maneira normal de enfrentar a situação.

Uma conversa entre os desempregados do sexo masculino revela uma atitude de maior incerteza. Presume-se que esta atitude é mais frequente entre “pessoas mais velhas”, aquelas que viveram o desemprego, várias relações afectivas, uma variedade de experiências e talvez até dificuldades em engravidar. Estudos estatísticos confirmam esta sugestão na medida em que mostram que uma grande percentagem das pessoas mais novas acredita que irá ter filhos, percentagem essa que diminui quando se trata de “pessoas mais velhas”.

- [A] Eu tinha dito nada de filhos antes dos 35 anos, pensava eu. Depois pensei que talvez um pouco acima dos 30. Mas hoje não vejo sequer as coisas assim — será que alguma vez vou chegar a ter filhos?
[B] É difícil antever o futuro, penso eu e não vejo lá nenhum filho.
[C] Exactamente.
[A] Não, havia sonhos diferentes quando se era novo e agora os sonhos desapareceram.
[Desempregados entre os 22 e 28 anos].

As jovens universitárias do curso de enfermagem afirmam que o mercado de trabalho para as enfermeiras será bom no futuro e elas aceitam passar por um período de empregos temporários no início, de modo a adquirirem mais experiência.

Há algumas diferenças no modo como homens e mulheres falam do futuro: eles vêem a família chegar no tempo certo, não há pressas, enquanto algumas delas falam da pressão do tempo devido ao relógio biológico.

Uma jovem de 28 anos, com diploma universitário, a trabalhar em recursos

humanos, questionada sobre se as mulheres da sua idade falam acerca de crianças, respondeu:

Sim, falamos sobre isso, somos um grupo de amigas que se encontra com uma certa regularidade. E esse tema surge frequentemente, porque nenhuma de nós ainda tem filhos e estamos a aproximar-nos dos 30. E quando chegamos a esta idade, trabalhamos durante um certo tempo, a maioria de nós tem um curso superior e depois começámos a trabalhar. E os empregos permanentes são um entrave, segundo vim a saber é preciso ter trabalhado já durante alguns meses para ter direito à licença de maternidade no emprego. E muitas receiam ficar em casa com o filho, durante um período tempo, sem ter um emprego ao qual voltar. Isto foi o que eu ouvi.

O “pacote familiar”

O período de transição leva à fase seguinte, que é a altura de assentar, e isto significa, para a maioria, constituir família. Grande parte dos jovens sustenta este ponto de vista, mas há alguns que não vislumbram um fim para a vida de insegurança que levam. Constituir família faz parte de um “pacote” de elementos que, no seu conjunto, forma o modo de vida estável. O “pacote familiar” implica uma boa relação afectiva, uma vivenda, um carro e um emprego, ou seja, o modo de vida sueco, sintetizado como v. v. v. (*Volvo*, cão *vovve* e *villa*). Este parece constituir uma nova convenção sobre o modo como a vida familiar deve ser alicerçada, do qual é parte importante ter em atenção as necessidades dos filhos. Tal modo de vida, para muitos, contrasta com a liberdade do jovem adulto, não sendo considerada uma vida aborrecida, mas algo que, após um certo período de liberdade, se deseja adquirir, uma parte do trajecto natural da vida, pois entende-se que as atitudes e as necessidades mudam.

Questionadas sobre o que é preciso para ter filhos, as estudantes de enfermagem do ensino secundário respondem:

[A] Uma relação duradoura com alguém, com quem possamos ter uma boa vida. Então, sabemos que estamos seguras, é o mais importante.

[B] Primeiro quero ter dinheiro.

[C] Para sustentar o filho. Exactamente, para que não se tenha de dizer que não temos dinheiro; desculpa, mas não podes ter um casaco novo, tens de continuar com o velho, porque não temos dinheiro para comprar um novo. Queremos dar tudo aos filhos.

[A] Durante os primeiros cinco anos trabalha-se porque se precisa. Tem de se conseguir poupar algum dinheiro para ter uma vida organizada. Pergunto-me se gostaria de ter filhos num apartamento na cidade. Acho que gostaria de ter uma vivenda. Porque fui criada numa casa com quintal, um jardim muito bonito, vivíamos num bairro muito bonito, com muitos amigos. Por isso, acho que não gostaria de criar o meu filho num apartamento na cidade. É preferível ter dinheiro para comprar uma vivenda antes de ter filhos.

Nesta discussão revela-se a perspectiva de mudança gradual de atitudes de acordo com a idade, assumem importância novos valores e torna-se desejável o “pacote familiar”. No entanto, a vida familiar é construída com base na ideia de um rendimento estável, exigência que contrasta, segundo a opinião da maioria, com a escassez de empregos. Mas nem todos partilham esta ideia — há diferenças e, mais uma vez, aqueles que têm empregos estáveis e os estudantes têm uma visão mais otimista do que os outros grupos.

[A] Teremos uma vida segura.

[E] Sim, o que é isso?

[A] Primeiro, temos de ter um emprego bom e interessante, e devemos já ter-nos divertido bastante para estarmos prontos a assumir isto. Já não somos só responsáveis por nós, então tudo o resto tem de estar certo.

[B] A criança deve ter boas condições para crescer e terá se arranjarmos um bom emprego. Depois, é necessária maturidade para ter um filho. Já me diverti o suficiente para agora poder acalmar e ter um filho.

Ter estudos, o parceiro certo, um bom rendimento para permitir um bom nível de vida para a família e uma casa com um jardim fazem parte do “pacote familiar” que a maioria dos jovens considera ser o ambiente normal para ter filhos. Contudo, nem todos consideram um futuro assim para eles. Uma jovem adulta com um emprego estável e o ensino secundário revela uma imagem de continuação do tipo de vida que ela vive e não o percurso de vida dividido em várias fases em que a maioria dos jovens acredita.

[A] Há tanta coisa que eu quero fazer em que não há lugar para um filho, que não consigo ver nenhuma criança na minha vida, mas isto pode mudar, em pouco mais de um ano, nunca se sabe.

[E] O que preenche a sua vida?

[A] Bem, gosto de viajar, já viajei bastante e ainda quero viajar mais, e não só voos *charter*, mas viagens por todo o lado. É diferente e não consigo ver filhos nisto. Eu não sei, mas tanto o meu parceiro como eu temos um salário, ele também tem um emprego e mesmo assim não penso que o dinheiro seja suficiente, por isso também não sei como poderíamos *gerir as finanças*. Podíamos viver de outro modo, mas estou satisfeita com o que tenho agora.

Um emprego permanente faz parte da vida adulta desejada por todos os jovens de ambos os sexos. A relevância de um emprego para o bem-estar é expressa tanto pelas pessoas com 20 como com 30 anos. Para todos, um emprego significa *ser importante* e pertencer a um grupo social:

(Não ter um emprego significa): não se sentir bem socialmente ao falar com os outros. Penso que não é assim tão importante o tipo de emprego que se tem, mas se se tem alguém com quem falar, um sítio para onde ir, para nos sentirmos importantes, fazer alguma coisa, ser útil em algum lado.

[Contratada em trabalho temporário, 21 anos]

Um bom emprego, tanto para homens como para mulheres, implica oportunidades de desenvolvimento pessoal, bons colegas, bem-estar, bom ambiente, boas chefias, uma atmosfera de liberdade e um bom salário, fazer parte de um contexto social interessante, conhecer pessoas e sair de casa, ter motivações. O bem-estar e ter bons colegas de trabalho são os aspectos mais importantes para os jovens de baixa escolaridade, enquanto o desenvolvimento pessoal é enfatizado pelos que possuem diplomas universitários, apesar de também considerarem o bem-estar um aspecto importante. Os jovens desempregados sublinham a segurança de ter um salário e de não haver preocupação com a falta de dinheiro, salientando também o facto de um emprego contribuir para a ideia de se fazer algo útil, o que proporciona auto-estima. Algumas estudantes do ensino secundário com trabalhos técnicos dizem:

[A] Uma pessoa tem de se sentir confortável e gostar do que faz. Uma pessoa não pode chegar todos os dias ao emprego e achar que é aborrecido. Deve ter um salário suficiente para poder viver.

Os estudantes universitários de enfermagem do sexo masculino referem:

[A] Queremos ter um emprego de que gostemos. Queremos ganhar o suficiente depois destes três anos na faculdade a viver de bolsas, sentir que andámos na universidade três anos e ganhamos mais do que aqueles que só têm o ensino secundário. Mas queremos ter um emprego que nos agrada. Eu nunca seria capaz de trabalhar na área económica, técnica, ou informática, porque não gosto.

[B] Não conseguiria ter um emprego bem pago mas de que não gostasse. Prefiro um trabalho de que goste mesmo que não seja bem pago. Mas não quer dizer que eu queira ter um salário baixo, quero poder viver desafogadamente.

[A] Eu sinto que nós que estudamos, e muitas vezes é duro, temos competências, portanto conseguiremos ganhar o suficiente. Sim, devemos ganhar o suficiente e gostarmos do que fazemos. Saber que temos um emprego estável, permanente, que não é temporário ou de substituição.

[C] Eu acho que não procuro um lugar permanente, eu quero algo que signifique desenvolvimento pessoal.

Para eles, o aspecto mais relevante de um emprego é estar bem no trabalho e não tanto ganhar um bom salário. Sublinham também a importância de serem capazes de ter uma palavra a dizer no emprego e a necessidade de experimentar vários tipos de empregos. Crescer como pessoa é muito importante e confrontam esta ambição com o que consideram um engodo — estar preso a um trabalho aborrecido. Quem já passou por situações de desemprego, tendo já vivido o risco do isolamento, salienta a necessidade de fazer parte integrante de uma vida social no local de trabalho, aspecto que também é salientado pelas licenciadas com empregos permanentes.

As mulheres e os homens distinguem-se no modo como consideram o facto de terem filhos compatível com um emprego e uma carreira. Os jovens do sexo

masculino não sentem que os filhos possam ter implicações na sua situação profissional, enquanto as jovens entendem que sim. As estudantes universitárias e as licenciadas com empregos permanentes dizem ter de planejar os filhos de modo a não perturbarem as oportunidades de obter um emprego, e tanto os homens como as mulheres consideram difícil uma grávida arranjar emprego. No entanto, os grupos de jovens com emprego permanente e de estudantes universitários de ambos os sexos consideram possível combinar o emprego e os filhos.

[A] Não creio que seja possível ficar em casa com os filhos durante o ano, mas tenho de planejar um pouco essa questão dos filhos. No entanto, penso ser possível.

[E] De que modo?

[A] Bom, tem-se um filho, fica-se em casa durante um tempo e depois volta-se a trabalhar, e depois pode-se ter outro filho. Mas não se pode ficar afastada durante vários anos de uma só vez — temos de conseguir dividir isso, de algum modo. Voltar, estar fora um tempo, voltar outra vez.

Os homens expressam uma opinião descontráida:

[A] É por isso que estamos aqui. Quer dizer, eu estou no mundo para ter filhos, não para dar à luz, mas para gerar um filho.

[B] Estava a pensar nisto de ter um filho e depois sustentá-lo, não que queira ter um filho....

[C] Eu sei que não ficarei desempregado para o resto da vida, não poderia — então, é claro que, de algum modo, penso nisso, mas não que queira um filho assim e assado e que fará isto e aquilo, penso nisso como um dia que virá. Eu vejo assim e quero que isso aconteça, não sou contra essa ideia.

[E] A maioria dos homens da sua idade pensa assim?

[A] Acho que ninguém anda por aí a dizer, tenho quase 27 anos e até lá tenho de ter um filho. Acho que não, acontece quando tiver de acontecer.

[C] É uma das poucas coisas que não tens de planejar, será talvez como uma “experiência”.

A sensação de que o tempo passa a correr é algo sobre que várias mulheres falam. Provoca-lhes muita ansiedade pensar sobre tudo o que têm de concretizar antes de serem demasiado velhas, para além de dar uma educação aos filhos, ter um emprego e escolher o parceiro certo:

Também quero um emprego que me permita viajar. Depois de se estar desempregada durante três anos a receber subsídio de desemprego não se pode planejar uma viagem à volta do mundo. Se eu pudesse, gostaria de trabalhar e depois tirar um ano de licença para viajar. Esse é o meu sonho, e acredito que muitas o têm também. Ao mesmo tempo, sinto que o tempo está a passar, — começa-se a ficar velha. Pensamos que, se queremos ter uma família e temos de começar a pensar um pouco sobre isso.

[Rapariga de 20 anos em emprego temporário]

Algumas mulheres referem os comentários que os outros fazem à sua idade e ao facto de ainda não terem filhos. Os pais delas esperam netos e não as encorajam a continuar a estudar:

[E] Pensam que existe uma pressão?

[A] Sim, uma pressão inata.

[B] Principalmente às terças-feiras, quando o jornal diário traz os bebês. Depois vemos todas as nossas colegas da escola que já tiveram o terceiro filho.

[A] Não é nada divertido.

[B] Aí sentes a pressão.

[Mulheres com 23 e 27 anos em empregos temporários]

Muitos jovens dizem que conhecem outros que, nesta época de desemprego, têm filhos em vez de um emprego e outros que não querem sequer tê-los. Todavia, estas não são as opções escolhidas pela maioria deles.

Conclusão

Uma imagem cultural da juventude dominante entre os entrevistados é a de um período de transição que implica liberdade para o desenvolvimento pessoal, viver a vida, viajar, sair e divertir-se, isto é, um período sem obrigações em relação ao bem-estar de terceiros. Esta imagem contrasta com a falta de oportunidades de ganhar dinheiro, que é a base da independência económica e a condição essencial para tornar realidade a vida que se deseja.

As entrevistas realizadas revelam duas perspectivas perante essa imagem de juventude, uma delas de acordo com a visão dominante. A juventude é vista aqui como um período de transição que implica estar liberto de responsabilidades e ter condições para “viver a vida” com amigos, sempre de um lado para o outro, experimentando várias alternativas. Por outro lado, existe a visão contrária, o desejo de ter uma família cedo, conseguir um emprego estável e ficar na comunidade onde se cresceu, junto dos familiares e amigos.

Outro aspecto relevante nas entrevistas é a visão da juventude como um período de preparação para a vida adulta, relacionando-se este aspecto com a discussão sobre o mercado de trabalho precário, preparação que requer uma responsabilidade para se comportar estrategicamente, para escolher e planear de forma apropriada os estudos que acabarão por conduzir a um emprego.

A juventude é contrastada com uma determinada visão da vida adulta, que, para a maioria dos entrevistados, aparece como um “pacote familiar”, o qual implica ter filhos, uma relação afectiva boa e estável, uma casa e empregos permanentes para ambos os membros do casal.

O grande valor atribuído ao emprego permanente como condição para ter a vida desejada diverge das exigências de flexibilidade do mercado de trabalho e também da imagem dominante dos jovens apresentada pela comunicação social, que acentua o seu desejo de mobilidade, de experimentar vários empregos, de

aceitar contratos a prazo. A situação precária do mercado de trabalho é um fenómeno novo na Suécia — a geração dos pais passou por uma experiência diferente — uma vida com um emprego estável e um aumento crescente do nível de vida. Quando os jovens falam do “pacote familiar”, há grande semelhanças com o tipo de vida que tiveram na infância, o que pode ter influenciado e moldado a imagem de uma vida familiar normal. Todavia, também passaram pela experiência do crescente desemprego e de um duro aumento da competição no mercado de trabalho durante grande parte da sua juventude. Todos têm conhecimento das dificuldades em arranjar um emprego — e o que isso exige de esforço e responsabilidade individuais. Pode dizer-se que os jovens expressam os pontos de vista de uma geração criada num período de transformação, em que as velhas noções de vida familiar e de liberdade pessoal ainda prevalecem, mas em que a mudança de condições acarreta a necessidade de criar novos valores e estratégias. Os valores dos anos 70 e 80, que realçavam a liberdade individual para explorar várias alternativas, viajar, experimentar relações, actividades, empregos e estudos, ainda existem, mas são confrontados, hoje em dia, com a dificuldade de os jovens ganharem o seu sustento. As condições materiais para uma vida economicamente independente são consideradas prioritárias em relação a outras, podendo também dizer-se que os jovens tanto têm valores individuais como comunitários, tanto realçam as responsabilidades pessoais e a necessidade de um desenvolvimento pessoal, como a grande importância da comunidade para a família e para a vida profissional.

Nas entrevistas surgem três perspectivas diferentes de futuro. A primeira é uma visão optimista — a maioria dos estudantes universitários e dos que têm empregos fixos são desta opinião. Quanto aos estudantes de tecnologia de computadores e de enfermagem acreditam ter escolhido uma área de estudos que os conduzirá ao mundo do trabalho, e também que podem conjugar o emprego e os filhos. Homens e mulheres expressam diferentes opiniões: enquanto eles acham que podem ter um emprego a tempo inteiro, não considerando que os filhos possam ter algum impacto nas suas carreiras, elas acreditam que têm de planear muito bem os filhos para que as suas carreiras não sejam influenciadas negativamente e também sentem uma certa pressão do relógio biológico. Antes dos filhos têm de finalizar os estudos, conseguir um emprego e ter trabalhado durante alguns anos, mas também sentem que há um limite de idade a partir do qual já será muito tarde para ser mãe. Os homens têm uma perspectiva mais descontraída, acham que os filhos virão na altura certa e não é necessário qualquer tipo de planeamento.

Os filhos e o “pacote familiar” não fazem parte das perspectivas de futuro de todos os jovens.

A segunda visão do futuro é mais pessimista, surge entre os estudantes do ensino secundário, jovens com empregos temporários e desempregados, e está relacionada com as dificuldades em descobrir no que gostariam de trabalhar e as correspondentes dificuldades em escolher um curso. Relaciona-se também com experiências de desemprego e dificuldades na obtenção de um emprego permanente, bem como com a experiência da situação problemática de se ser empregado temporário. As contradições entre a ideia do que implica uma vida estabelecida e

as oportunidades dadas pela sociedade criam uma visão pessimista da vida futura, levam a pensar que nunca se será capaz de reunir todas as condições necessárias para educar um filho.

A terceira perspectiva implica a continuação do estilo vida que já levam e os que a têm não conseguem imaginar que acabarão por assentar na vida e ter filhos e obrigações familiares. Para eles, isto impedi-los-á de viajar e de fazer outras actividades que querem continuar a desenvolver.

Referências bibliográficas

- Arnell-Gustafsson, Ulla (1988), *Om ungdomars syn på arbete. En litteratur sammanställning*, Estocolmo, Arbetslivscentrum, arbetsrapport.
- Beck Gerstein, Elisabeth (1996), "Life as a planning project", in S. Lash, B. Szerszynski e B. Wynne (ors.), *Risk Environment and Modernity. Towards a New Ecology*, Londres, Sage.
- Giddens, Anthony (1991), *Modernity and Self-Identity. Self and Society in Late Modern Age*, Oxford, Polity Press.
- Hagström, Tom, Göran Berg e Greta Westerberg (1992), *Gymnasieelevers Förhållningssätt Till Arbete*, Estocolmo, Arbetsmiljö Institutet, Undersökningsrapport.
- LO (1998), *Förändring av Arbetstider Och Anställningsformer på Olika Delar av Arbetsmarknaden*, Estocolmo, Landsorganisationen.
- SCB (1990), *Living Conditions. Entering the Labour Market. Youth in Sweden 1973-85*, Örebro Statiska Centralbyran.
- SOU (1996), *Hälften vore nog. Utredning om kvinnors arbetsmarknad*, Estocolmo, Statens Offentliga Utredningar.
- Waara, Peter (1996), *Ungdom i Gränsland*, Umea, Boréa.
- Van Genneap, Arnold (1960), *The Rites of Passage*, Londres, Routledge & Kegan Paul.
- Välfärdsbulletinen (1997), *Lagutbildade Väntar Med Barn*.
- Ziehe, Thomas (1986), "Inför avmystifieringen av världen. Ungdom och Kulturell Modernisering", in M. Löfgren e Molander (org.), *Postmoderna Tider*, Estocolmo, Nordstedts.
- Ziehe, Thomas (1994), *Kulturanalys, Ungdom, Utbildning, Modernitet*, Estocolmo, Brutus Östlings Bokförlag Symposium.